

***o  
hipnotista***



*lars kepler*

*O*  
*hipnotista*

Tradução de  
Alexandre Martins



Copyright © 2009 Lars Kepler

Primeira publicação por Albert Bonniers Förlag, Estocolmo, Suécia. Publicado na língua portuguesa mediante acordo com Bonnier Group Agency, Estocolmo, Suécia.

TÍTULO ORIGINAL

Hypnotisören

Traduzido da edição britânica (*The Hypnotist*)

PREPARAÇÃO

Luís Henrique Valdetaro

REVISÃO

Fátima Amendoeira Maciel

Bruno Fiuza

DIAGRAMAÇÃO

Regina Ferraz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K46h Kepler, Lars

O hipnotista / Lars Kepler ; tradução de Alexandre Martins. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

480p. : 23 cm

Tradução de: The hypnotist

ISBN 978-85-8057-091-5

I. Ficção sueca. I. Martins, Alexandre. II. Título.

11-5109

CDD: 839.73

CDU: 821.113.6-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Na mitologia grega, o deus Hipnos é um menino alado com sementes de papoula nas mãos. Seu nome significa sono. É irmão gêmeo de Tânatos, morte, filho da noite e da escuridão.

O termo *hipnose* foi usado pela primeira vez em sua acepção moderna em 1843, pelo cirurgião escocês James Braid. Ele o utilizou para descrever um estado semelhante ao sono mas com vívida consciência e grande receptividade.

Ainda hoje, as opiniões variam com relação à utilidade, à confiabilidade e aos riscos da hipnose. Essa persistente ambivalência provavelmente se deve ao fato de que as técnicas de hipnose foram empregadas por vigaristas, artistas e serviços secretos do mundo todo.

Do ponto de vista puramente técnico, é fácil colocar uma pessoa em um estado de hipnose. A dificuldade está em controlar o rumo dos acontecimentos, conduzir o paciente e interpretar e utilizar os resultados. Apenas com experiência e habilidade consideráveis é possível dominar plenamente a hipnose profunda. No mundo inteiro, poucos médicos são reconhecidos por dominarem, de fato.



# O HIPNOTISTA





*Como fogo, exatamente como fogo.* Estas foram as primeiras palavras que o garoto pronunciou sob hipnose. Apesar dos ferimentos que colocavam em risco sua vida — inúmeras lacerações de faca em seu rosto, pernas, tronco, costas, solas dos pés, nuca e cabeça —, o garoto fora colocado em estado de hipnose profunda para que tentasse ver com os próprios olhos o que havia acontecido.

— Estou tentando piscar — murmurou ele. — Entro na cozinha, mas não está certo. Há uns estalos entre as cadeiras e um fogo vermelho-brilhante se espalha pelo piso.

Eles pensaram que o garoto estivesse morto quando o encontraram entre os outros corpos na casa geminada. Ele havia perdido muito sangue e entrado em estado de choque, e só recuperou a consciência sete horas depois. Era a única testemunha viva.

O detetive Joon Linna estava certo de que o garoto seria capaz de fornecer informações valiosas, talvez até mesmo identificar o assassino.

Mas se as outras circunstâncias não fossem tão excepcionais, nunca teria ocorrido a ninguém apelar para um hipnotista.



*terça-feira, 8 de dezembro: madrugada*

Erik Maria Bark é arrancado à força de seu sonho quando o telefone toca. Antes de estar inteiramente desperto, ele diz, com um sorriso:

— Balões e serpentinas.

Seu coração está acelerado por causa do despertar repentino. Erik não tem ideia do que ele quis dizer com essas palavras. O sonho desapareceu completamente, como se nunca tivesse existido.

Ele tateia para encontrar o telefone que toca, arrastando-se para fora do quarto com ele e fechando a porta atrás de si para não acordar Simone. Um detetive chamado Joon Linna pergunta se ele está suficientemente acordado para assimilar uma informação importante. Seus pensamentos ainda estão caindo no escuro espaço vazio que se segue ao sonho enquanto ele escuta.

— Ouvi dizer que você é muito habilidoso no tratamento de traumas agudos — diz Linna.

— Sim — diz Erik.

Ele engole um analgésico enquanto escuta. O detetive explica que precisa interrogar um garoto de 15 anos que testemunhou um duplo homicídio e foi gravemente ferido. Durante a noite ele fora transferido da unidade neurológica em Huddinge para a unidade de neurocirurgia no Hospital Universitário Karolinska, em Solna.

— Qual é o quadro dele? — pergunta Erik.

O detetive resume a situação do paciente e conclui:

— Não foi estabilizado. Está em choque circulatório e inconsciente.

— Quem é o médico responsável? — pergunta Erik.

— Daniella Richards.

— Ela é extremamente capaz. Estou certo de que pode...

— Foi ela quem pediu que ligasse para você. Ela precisa de sua ajuda. É urgente.

Quando Erik volta ao quarto para pegar suas roupas, Simone está deitada de costas, olhando para ele com uma estranha expressão vazia. Um fecho de luz do poste passa brilhando por entre as venezianas.

— Não quis acordá-la — diz ele com suavidade.

— Quem era? — pergunta ela.

— A polícia... um detetive... não guardei o nome.

— Qual é o problema?

— Tenho de ir ao hospital — responde. — Precisam de ajuda com um garoto.

— Que horas são, aliás?

Simone olha para o despertador e fecha os olhos. Ele percebe as linhas deixadas pelo lençol amassado nos ombros sardentos dela.

— Agora durma, Sixan — sussurra ele, chamando-a pelo apelido.

Erik leva as roupas para fora do quarto e se veste rapidamente no vestibulo. Percebe um brilho de uma lâmina de aço reluzente atrás de si e se vira, então vê que o filho pendurara os patins de gelo na maçaneta da porta da frente para não esquecê-los. Apesar da pressa, Erik encontra os protetores no closet e os desliza sobre as lâminas afiadas.

São 3 horas da manhã quando Erik entra em seu carro. A neve cai lentamente do céu negro. Não há uma brisa sequer e os flocos pesados pousam de maneira sonolenta na rua vazia. Ele gira a chave na ignição e a música derrama-se pelo ambiente como uma onda macia: Miles Davis, *Kind of Blue*.

Ele dirige por uma curta distância, através da cidade adormecida, saindo de Luntmakargatan e seguindo por Sveavägen até chegar a Norrtull. Vislumbra as águas de Brunnsviken, uma grande abertura escura atrás da neve. Reduz ao entrar no enorme complexo médico, manobrando entre o hospital Astrid Lindgren, sempre carente de pessoal, e a maternidade, passando pelos departamentos de radiologia e psiquiatria, até estacionar na vaga habitual, diante da unidade de neurocirurgia. Há poucos carros no estacionamento de visitantes. O brilho das lâmpadas nos postes reflete nas janelas dos prédios altos e melros se movem entre os galhos das árvores na escuridão. Geralmente é possível ouvir o rugido da estrada daqui, pensa Erik, mas não a esta hora da noite.

Ele insere o crachá, tecla o código de seis dígitos, entra no saguão, pega o elevador para o quinto andar e segue pelo corredor. O piso vinílico azul brilha como gelo e o corredor cheira a antisséptico. Só então se dá conta de sua fadiga, depois da súbita descarga de adrenalina provocada pelo telefonema. Acabara de sair de um sono tão bom que ainda tinha uma sensação agradável.

Erik pensa no que o detetive lhe dissera ao telefone: um garoto deu entrada no hospital sangrando muito, com cortes por todo o corpo, suando; não quer deitar, está agitado e com muita sede. Há uma tentativa de interrogá-lo, mas o quadro piora rapidamente. O nível de consciência diminui ao mesmo tempo em que o coração acelera, e Daniella Richards, a médica encarregada, toma a decisão correta de não permitir que a polícia fale com o paciente.

Dois guardas uniformizados estão de pé do lado de fora da porta da ala N18; Erik sente certo desconforto surgir em seus rostos quando ele se aproxima. Talvez estejam apenas cansados, pensa Erik ao parar diante deles e se identificar. Eles olham para sua identificação, apertam um botão e a porta se abre com um zumbido.

Daniella Richards está fazendo anotações em uma ficha quando Erik entra. Enquanto a cumprimenta, ele percebe as linhas de tensão ao redor da boca, o leve estresse nos movimentos dela.

— Tome um café — diz ela.

— Temos tempo? — pergunta Erik.

— Controlei o sangramento no fígado — responde.

Um homem de cerca de 45 anos, vestindo jeans e um paletó preto, está batendo na máquina de café. Tem cabelos louros desgrenhados e os lábios bem apertados, sérios. Erik pensa que talvez seja o marido de Daniella, Magnus. Ele nunca o encontrou; apenas viu uma fotografia no escritório dela.

— É seu marido? — pergunta, apontando com a mão na direção do homem.

— O quê? — reage ela, parecendo surpresa e achando certa graça.

— Achei que talvez Magnus tivesse vindo com você.

— Não — diz ela, com uma risada.

— Não acredito em você — provoca Erik, andando na direção do homem.

— Vou perguntar a ele.

O celular de Daniella toca e, ainda rindo, ela o abre, dizendo:

— Pare com isso, Erik — antes de responder —, Daniella Richards.

Ela presta atenção, mas não escuta nada.

— Alô?

Espera alguns segundos e depois dá de ombros.

— Alô-ô! — diz ela com ironia e então fecha o telefone.

Erik foi até o homem louro. A máquina de café está vibrando e chiando.

— Tome um café — diz o homem, tentando dar uma caneca a Erik.

— Não, obrigado.

O homem sorri, revelando covinhas nas bochechas, e toma um gole.

— Delicioso — diz, tentando mais uma vez empurrar uma caneca para Erik.

— Não quero.

O homem dá outro gole enquanto analisa Erik.

— Posso pegar seu telefone emprestado? — pergunta ele de repente. — Se não for um problema. Esqueci o meu no carro.

— E agora quer o meu emprestado? — pergunta Erik com alguma rispidez.

O homem louro faz que sim com a cabeça e o observa com seus olhos cinza-claros como granito polido.

— Pode pegar o meu de novo — diz Daniella, aparecendo atrás de Erik.

Ele pega o telefone, olha para o aparelho e depois ergue os olhos para ela.

— Prometo que devolvo — diz.

— Só você está usando mesmo — brinca ela.

Ele ri e se afasta.

— *Tem de ser seu marido* — afirma Erik.

— Bem, toda garota pode sonhar — diz ela, olhando para o sujeito, que é bastante alto, com um sorriso.

De repente ela parece muito cansada. Andou esfregando os olhos; está com uma mancha de delineador cinza-prateado na bochecha.

— Devo dar uma olhada no paciente? — pergunta Erik.

— Por favor — responde Daniella.

— Já que estou aqui — acrescenta.

— Erik, eu realmente quero a sua opinião. Não estou nada segura em relação a este caso.

*terça-feira, 8 de dezembro: madrugada*

Daniella Richards abre a pesada porta e ele a segue até um quente quarto de recuperação na saída do centro cirúrgico. Um garoto magro está deitado na cama. Apesar dos machucados, tem um rosto atraente. Duas enfermeiras fazem curativos nos ferimentos: há centenas deles, cortes e perfurações por todo o corpo, nas solas dos pés, no peito e na barriga, atrás do pescoço, no couro cabeludo, no rosto.

O pulso está fraco, mas muito acelerado, os lábios, cinzentos como alumínio, ele está suando e os olhos estão bem apertados. O nariz parece quebrado. Sob a pele, um hematoma se espalha como uma nuvem negra a partir do pescoço e segue pelo peito.

Daniella começa a explicar os diferentes estágios do tratamento do garoto até o momento, mas é silenciada por uma batida na porta. É o homem louro novamente; acena para eles através do vidro.

— Certo — diz Erik. — Se aquele não é Magnus, quem é afinal?

Daniella pega o braço de Erik e o leva para fora do quarto de recuperação. O homem louro está de volta ao posto dele junto à sibilante máquina de café.

— Um cappuccino grande — diz ele a Erik. — Talvez precise de um antes de encontrar o primeiro policial a chegar à cena.

Só então Erik se dá conta de que o homem louro é o detetive que o acordou menos de uma hora atrás. Seu sotaque com vogais prolongadas não era tão perceptível ao telefone, ou talvez Erik estivesse apenas sonolento demais para registrar.

— Por que iria querer encontrá-lo?

— Para que entenda por que eu preciso interrogar...

Joona Linna fica em silêncio quando o celular de Daniella começa a tocar. Ele o tira do bolso e olha o visor, ignorando a mão estendida dela.

— Provavelmente é para ele mesmo — resmunga Daniella.

— Sim — diz Jooná ao atender. — Não, eu o quero aqui... Certo, mas estou me lixando para isso. — O detetive sorri enquanto ouve as objeções do colega. — Embora eu *tenha* percebido algo — complementa.

A pessoa do outro lado está gritando.

— Vou fazer do meu jeito — diz Jooná calmamente, e encerra a conversa. Ele devolve o telefone a Daniella e acena com a cabeça para agradecer. — Tenho que interrogar esse paciente — explica em tom sério.

— Lamento — diz Erik. — Minha avaliação é a mesma da Dra. Richards.

— Quando ele conseguirá falar comigo? — pergunta Jooná.

— Não enquanto estiver em choque.

— Sabia que você responderia isso — diz Jooná em voz baixa.

— A situação ainda é extremamente crítica — explica Daniella. — A pleura foi danificada, o intestino delgado, o fígado e...

Um policial vestindo um uniforme sujo aparece, sua expressão é de desconforto. Jooná acena, vai até ele e aperta sua mão. Diz algo em voz baixa, e o policial limpa a boca e olha de modo apreensivo para os médicos.

— Sei que provavelmente você não quer falar sobre isso agora — diz Jooná. — Mas pode ser muito importante que os médicos conheçam as circunstâncias.

— Bem — diz o policial, pigarreando sem muita força —, ouvimos no rádio que um zelador havia encontrado um homem morto no banheiro do vestiário do campo de futebol em Tumba. Nosso carro já estava em Huddingevägen, então só precisávamos dar a volta e seguir para o lago. Imagínávamos que havia sido uma overdose, sabem? Jan, meu parceiro, entra enquanto eu converso com o zelador. Mas era algo inteiramente diferente. Jan sai do vestiário; o rosto está totalmente pálido. Ele nem mesmo quer que eu entre lá. Muito sangue, ele diz três vezes, e depois apenas se senta nos degraus...

O policial fica em silêncio, senta em uma cadeira e fica olhando para a frente.

— Pode continuar? — pergunta Jooná.

— Sim... A ambulância aparece, o homem morto é identificado e é responsabilidade minha informar o parente mais próximo. Estamos com pouca gente, então tenho que ir sozinho. Minha chefe diz que não quer deixar Jan sair naquele estado; vocês entendem por quê.

Erik dá uma olhada no relógio.

— Você tem tempo para escutar isso — diz Jooná.

O policial continua, com olhar sombrio.

— O morto é professor do ensino médio de Tumba e vive naquele condomínio junto às montanhas. Eu toco a campainha três ou quatro vezes, mas



ninguém atende. Não sei o que me levou a fazer isso, mas dei a volta no quarteirão e aponteí minha lanterna para uma janela nos fundos da casa.

O policial para, a boca trêmula, e começa a arranhar o braço da cadeira com a unha.

— Por favor, continue — diz Joona.

— Eu preciso mesmo? Quero dizer, eu... eu...

— Você encontrou o garoto, a mãe e uma garotinha de 5 anos. O garoto, Josef, era o único que ainda estava vivo.

— Embora eu não ache... — Ele cai em silêncio, o rosto pálido.

Joona dá uma trégua:

— Obrigado por vir, Erland.

O policial inclina ligeiramente a cabeça e se levanta, passa a mão sobre o casaco sujo, confuso, e sai da sala com pressa.

— Todos foram atacados com uma faca — diz Joona Linna. — Devia estar um caos completo lá. Os corpos estavam... estavam em um estado horrível. Foram chutados e espancados. Esfaqueados, claro, muitas vezes, e a garotinha... fora cortada ao meio. A parte inferior do corpo, a partir da cintura, estava na poltrona em frente à TV.

Ele então parece perder a calma. Para um instante, olhando para Erik antes de recuperar o equilíbrio.

— Minha sensação é a de que o assassino sabia que o pai estava no campo. Houvera uma partida de futebol; ele foi o juiz. O assassino esperou até que estivesse sozinho antes de matá-lo; depois começou a desmembrar o corpo, de uma forma particularmente agressiva, antes de ir à casa e matar o resto da família.

— Aconteceu nessa sequência? — pergunta Erik.

— Em minha opinião — responde o detetive.

Erik pode sentir a mão tremendo enquanto esfrega a boca. Pai, mãe, filho, filha, pensa ele muito devagar antes de encontrar o olhar de Joona Linna.

— O criminoso queria eliminar a família toda.

Joona ergue as sobrancelhas e diz:

— É exatamente isso... Ainda há a irmã mais velha, que não estava lá. Tem 23 anos. Acreditamos que o assassino também esteja atrás dela. Por isso queremos interrogar a testemunha o quanto antes.

— Vou entrar e fazer um exame detalhado — diz Erik.

Joona assente.

— Mas não podemos colocar a vida do paciente em risco...

— Compreendo. Só que quanto mais tempo demorar antes que tenhamos alguma pista para seguir, mais tempo o assassino tem para procurar a irmã.

Agora Erik concorda inclinando a cabeça.

— Por que vocês não localizam a irmã e a alertam?

— Ainda não a localizamos. Não está em seu apartamento em Sundbyberg, nem no do namorado.

— Talvez deversem examinar a cena do crime — sugere Daniella.

— Isso já está sendo feito.

— Por que não vai lá e manda que façam algo a respeito? — insiste ela, irritada.

— Isso não vai adiantar nada, de qualquer modo — diz o detetive. — Vamos encontrar o DNA de centenas, talvez milhares, de pessoas nos dois lugares, tudo misturado.

— Vou entrar um momento e ver o paciente — diz Erik.

Joona encontra o olhar dele e assente com um aceno de cabeça.

— Se eu pudesse fazer apenas duas perguntas. Talvez seja tudo de que precisamos para salvar a irmã dele.